

OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS

Em Katmandu houve grande festa. Uma senhora, dona de casa japonesa, de trinta e cinco anos de idade conseguiu subir ao cume do Everest, a mais alta montanha do mun-

do, indo cravar a bandeira do seu país no pico da montanha.

A senhora Junko Tabei, era a vice-chefe da expedição 1975 ao Everest, de mulheres japonesas.

E apesar de mais ou menos, com mais trambuilho menos escorregadeira, foram todas caindo pelo caminho, e em certa altura a senhora Tabei achou que a coisa estava a demorar demais e que ela como dona de casa é que tinha que voltar para casa para coser as peúgas do marido e aquecer a sopa para os miúdos, e pegou num guia sherpa de nome Tensing e foi um vê-se-te-avias.

Chegarão lá acima, espetaram a bandeira no chão e ela espetou o polegar no nariz, com a mão espalmada, para todos os grandes montanhistas que não conseguiram lá chegar, pois ali no pico mais alto do Everest só tinha ainda estado perto, há vinte e dois anos o montanhista explorador neozelandez Sir Hillary, lembram-se?

Final não é nada de admirar. As donas de casa já estão acostumadas a fazer ginástica com as coisas todas a subir, e elas a subir atrás delas. . .

Em Inglaterra continua a discussão sobre a eventual saída do país da Comunidade Económica Europeia. Aquilo já foi um sarilho para eles entrarem: ora eram eles que não queriam entrar ora era mestre De Gaulle que dizia que não os queria lá. Por fim as coisas lá se concertaram com a morte do velhote, e a Inglaterra

entrou para a C.E.E. E agora há um grupo violentíssimo de ingleses que acham que a Inglaterra não tem nada que ficar amarrada aos interesses da Europa, porque o seu destino é o mundo inteiro (mania das grandezas. . .) por outro lado o outro grupo diz que é rematada asneira saírem, até porque se avizinha uma grave crise económica para a Inglaterra.

Para tirarem teimas decidiram fazer um referendo popular, no dia 5 do mês que vem. E já se sabe: se a maioria disser não, a Inglaterra sai da Comunidade Europeia. E fica depois outros dez anos a discutir se deve ou não voltar a entrar. Em que ficamos? Querem ou não querem?

Em França a visita do vice-primeiro ministro chinês Teng Hsiao-Ping foi um sucesso. O primeiro ministro Chirac declarou aos jornalistas que a visita do senhor Teng era um elemento positivo para a Europa. E que para o ano irão eles, Chirac, e o Presidente D'Estaing pagar a visita agora feita. Todos muito amiguinhos. Quem não gostou do tom das conversas foi Georges Marchais. Disse que estranhava muito que o P.C. chinês desse o seu apoio aos reaccionários da Europa Ocidental. . .

No Brasil, pela segunda vez numa semana o Congresso rejeitou a noite passada uma emenda constitucional que teria

legalizado o divórcio.

Da primeira vez, na semana passada, tinha sido apresentada a emenda constitucional a propor que após cinco anos de separação legal, ou sete de separação de facto, fosse decretado o divórcio.

A proposta não conseguiu a maioria de dois terços necessária, e por isso foi agora apresentada outra proposta com uma pequena alteração "optimista": que fosse decretado o divórcio após dois anos de separação legal ou cinco de separação de facto. Também não foi alcançada a maioria, mas mesmo assim ainda votaram a favor 175 deputados. Só que eram precisos 200. . .

Agora se calhar vai apresentar-se outra alteração: um ano de separação legal ou dois de separação de facto. Tanto hão-de chatear o congresso que um dia conseguem. Puxa vida!



A miséria vê-se melhor de dia ou de noite?

Todos os que se dizem a favor de qualquer coisa são mesmo?

A variola é mais perigosa quando enche ou quando rebenta a bexiga?

Se Marte é outro planeta, porque haverá na Terra tantos "marterizados" ?

Se Neptuno é o Deus do Mar e se este também tem amantes. . . não será, também, um deus protector da desonestidade?

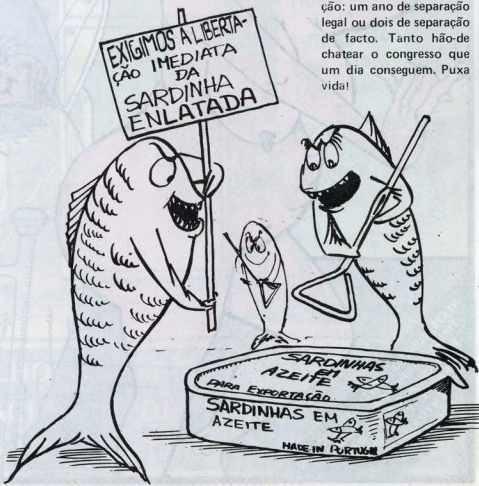
A Terra, para os possíveis habitantes doutros planetas não simbolizará a desordem?

Haverá pureza em Vénus quando sob a sua influência se fazem tantas poucas-vergonhas?

Haverá maior ironia que um esfomeado andar farto de fome?

Qual é a capital europeia com mais buracos? E do Mundo?

ARIM





PODE-ME
DIZER QUAL O
CAMINHO PARA O
SOCIALISMO???

OLHE O CAMINHO
É UM BOCADO ALI
PARA A ESQUERDA...
MAS O MELHOR É
DESPIR ESSA FATIOTA
E VESTIR UM FATO
DE TRABALHO
QUE VAI
PRECISAR
DELE COM
CERTeza...



Crônicas Medievais

A Defesa da Coroa

EL-REI

— Senhora D. Briolanja, vinde cá prestes a minha camara que mistér é que vos fale!

D. BRIOLANJA

— Meu esposo e senhor, que bicho vos mordeu? Acaso estades gágá? Não podeis falar aqui, que estamos sós?

EL-REI

— Aquilo que vos pretendo transmitir é profundamente secreto. Importa que o tratemos prestes e sem adornamentos!

D. BRIOLANJA

— Então para isso para que quereis ir para a cama? Bem sabeis que assim que chegades junto ao talamo conjugal, começades logo a ressonar...

EL-REI

— Não sejades impertinente. E vede se tendes mais respertinho pelo vosso amo e senhor, porque ainda vos não dei cunfia para tanto!

D. BRIOLANJA

— Deixaide-vos de fitas. Bem sabeis que não me importo de manter as aparências de solenidade que tanto estimades, quando estão outras pessoas presentes. Mas deixai-me aliviar a tripa quando estamos sós. Bem sabeis que esse tempo das cerimónias já foi um ar que lhe deu...

EL-REI

— Isso dizeis vós. Mas depois estades acostumada a esses desbragamentos de linguajar plebeu, e quando estamos com companhia, acabais por vos esquecer, e dais bronca...

D. BRIOLANJA

— Bronca? Eu? Que dizeis? Parece que estades cada vez mais na mesma!

EL-REI

— Olhaide quando cá esteve a visitar-nos aquele emissário recrutador de mercenários que me vinha propôr o comando duma divisão.

D. BRIOLANJA

— Meu amado esposo, bem sabeis que em público eu vos aparo todos esses golpes. Mas agora que não está aqui ninguém deixai-de-vos de basofias. Bem sabeis que ele só queria que lhe desseis licença para utilizar o vosso retrato fardado de marujo, que era para depois o colar no retrato onde estavam os mercenários...

EL-REI

— E então? Não seria isso uma forma de colocar o meu prestígio pessoal ao serviço da luta pela reconquista do nosso antigo poder?

D. BRIOLANJA

— Pois sim. Mesmo assim acho que exagerades...

EL-REI

— Deixai-de lá isso. Mas como vos ia dizendo, nessa altura, quando esse emissário com todo

o respeito devido à minha condição vos disse que me vinha oferecer um cargo de notável prestígio lembrai-de-vos o que lhes haveis respondido?

D. BRIOLANJA

— Como quereis que me lembre de tudo o que digo? Bem sabeis...

EL-REI

— Mas lembro-me eu! Haveis-lhe respondido que vos estáveis borrifando para os prestígios!

D. BRIOLANJA

— E então? Vós mesmo já mo tinheis dito que vos borrifáveis...

EL-REI

— Senhora, eu quando me quero borrifar vou à privada. E vós também deveis fazer o mesmo, em vez de o anunciardes em frente aos emissários!

D. BRIOLANJA

— Ora! Como pudesteis ver esse emissário não vinha por nosso interesse. E eu disse logo que o vi: — Este não dá peido que cheira!

EL-REI

— Senhora, senhora! Que linguajar plebeu! Parece que haveis perdido a compostura! Se algum vos ouvir...

D. BRIOLANJA

— Senhor D. Tomazio, é meu ilustre e caquético esposo: deixai-de-vos de fitas. Ficaide sabendo que ora é moda falar-se assim. As minhas melhores amigas me mandaram dizer em novas que hei recebido pela última nau chegada dos nossos antigos reinos, que ora é de bom falar desta forma plebeia. Mostra uma identificação com as falas do bom povo da nossa terra...

EL-REI

— Calaide-vos desgraçada! Não volteis a dizer essa lóa do "Bom povo desta terra!" que bem sabeis foi o grito de guerra do infiel guerreiro que ordenou a nossa expulsão!

D. BRIOLANJA

— Ora! De bem pouco lhe serviu! Prestes outros infiéis correram também com ele...

EL-REI

— Talvez o achassem curto de vistas. Parece que ele era um pouco zanaga...

D. BRIOLANJA

— Tendes o maldito defeito, senhor meu esposo, de menosprezar os vossos inimigos, sem vos lembrades que eles amanhã poderão ser vossos amigos! Esse brioso cabo de guerra, ficaide-vos com esta, pode ainda ser o vosso mais fiel aliado...

EL-REI

— Enandecesteis? Então esse cruel e sanguinário cavaleiro que numa desgraçada manhã nos fez expulsar do nosso antigo reino para estas distantes paragens, poderá algum dia ser considerado nosso aliado?

cont. na pág. 15

ORA VOCÊ TEM CONTRIBUÍDO PARA A BATALHA DA PRODUÇÃO?

CONTE-NOS...

O QUE É QUE QUEREM QUE FAÇA? SÓ SE ARRANJAR MAIS ALGUMAS COLABORADORAS...

CHULO!

EU CA' VOU AJUDANDO, COMPRANDO TUDO O QUE POSSO E ÀS VEZES O QUE NÃO POSSO...

EMPREGADO DE ESCRITÓRIO

LOGO QUE COMEÇOU A BATALHA METI-ME NA DEFENSIVA A PENSAR NA MELHOR FORMA DE ALCANÇAR A VITÓRIA!

CAMPONÊS

BURGUESA

OPERÁRIO

PORRA! AINDA MAIS?!... TA', BEH! VAMOS A VER E SE É PARA TODOS!..

EU CA' CONTINUO A CAVAR A TERRA. NÃO SOU COMO ESSES QUE CAVARAM DEU!



BOCAGE

Proseguindo neste número a publicação da "Poesia Érica, Satírica e Burlesca" de Bocage, apresentamos hoje uma das mais disscatadas páginas de poesia de sensualidade desbragada, representativa dum dos habituais períodos de revolta de Bocage contra os rígidos princípios que na sua época coartavam completamente a vida literária do país.

Bocage nestas facetas da sua obra, escreveu por vezes obras de sensualidade sem pornografia.

São disse fragmente exemplar as cábeiros Cartas de Olinda e Alzira, onde na mais terria e carinhosa das linguagens ele descreve pela boca das suas personagens a suave transição duma exaltada paixão lística para a acitação e encantamento do amor heterossexual, e que a seu tempo serão aqui apresentadas em sucessivos números, já que pela sua extensão não é viável a sua publicação num só número.

Ao contrário disso, o poema que hoje apresentamos — "A MANTEIGUI" — Poema em um só canto" é um curioso trabalho onde a par da mais rigorosa e perfeita composição de métrica rima dos poemas clássicos Bocage joga com todo um vocabulário do mais desbragado bordel, como sinal de revolta contra os rigores da sociedade de então.

A MANTEIGUI

ARGUMENTO

DA GRANDE MANTEIGUI, PUTA RAFADA,
SE DESCREVE A BRUTAL INCONTINÊNCIA,
DO CAFRE INFAME A PORRA DESMARCADA,
DO CORNIGERO ESPOSO A PACIÊNCIA;
COMO, À FORÇA DE TANTA CARALHADA,
PERDENDO O NEGRO A RÍGIDA POTÊNCIA,
FOGE DA PUTA, QUE SEM ALMA FICA,
DANDO MIL BERRROS POR AMOR DA FICA.

CANTO ÚNICO

CANTO A BELEZA, CANTO A PUTARIA
DE UM CORPO TÃO GENTIL COMO PROFANO;
CORPO QUE, A SER PRECISO, ENGOLIRIA
PELO VASO OS MARTELOS DE VULCANO;
CORPO VIL, QUE TRABALHA MAIS NUM DIA
DO QUE MARTINHO TRABALHOU NUM ANO,
E QUE ATURA AS CHUMBADAS E PELOURS
DE CAFRES, BRANCOS, MARATÁS E MOUROS.

II
VÊNUS, A MAIS FORMOSA ENTRE AS DEIDADES,
MAIS LASCIVA TAMBÉM QUE TODAS ELAS,
TU, QUE VINHAS DE TROIA AS SOLEDADES
DAR A ANQUISES AS MAMAS E AS CANELAS,
QUE GRAMATEO DO PAI DAS DIVINIDADES
MAIS DE SEISCENTAS MIL FORNICADELAS;
E MATANDO UMA VEZ DA CRICA A SEDE,
FOSTE PILHADA NA VULCÂNICA REDE.

III
DIRIGE A MINHA VOZ, MEU CANTO INSPIRA,
QUE VOU CANTAR DE TI, SE A JACQUES CANTO;
TENDO UM CORNO NA MÃO EM VEZ DE LIRA,
PARA LIVRAR-NE DO MORTAL QUEBRANTO.
TUA VIRTUDE EM MANTEIGUI RESPIRA,
COMI GRACÇA, QUAL TU TENS, MOTIVA ENCANTO;
E BEM PODE ENTRE VÓS HAVER DISPUTA,
SOBRE QUAL É MAIS BELA, OU QUAL MAIS PUTA.

IV
NO CAMBAICO DAMÃO, QUE, ESCANGALHADO,
MAMENTA A DECADÊNCIA PORTUGUESA,
ESTE NOVO GANOS FOI, PROCRIOADO,
PESTE D'ASIA EM LUXURA E GENTILEZA.
QUE ERMITÃO DE CILÍCIOS MACERADO
PODE VER-LHE O CARÃO SEM PORRA TESA?
QUEM CHAPELETA NÃO TERÁ DE MONO,
SE TUDO QUE ALI VÊ E TUDO CONO?

V
SEUS MEIGOS OLHOS, QUE A FODER ENSINAM,
TE NOS DEDOS DOS PÉS TESÓES ACENDEM;
AS MAMAS, ONDE AS GRAÇAS SE RECLINAM,
POR MAIS ALVAS QUE OS VÉUS, OS VÉUS OFENDEM
AS DOCES PARTES, QUE OS DESEJOS MINAM,
AOS OLHOS POUÇAS VEZES SE DEFENDEM;
E OS AMORES, DE AMOR POR ELA ARDENDO,
AS PISSAS PELAS MÃOS LHE VÃO METENDO.

VI
SEUS CRISTALINOS, DELEITOSOS BRAÇOS,
SEMPRE ABERTOS ESTÃO, NÃO PARA AMANTES,
MAS PARA AQUELES SÓ, QUE, NADA ESCASSOS,
COFRES LHE ATULHAM DE METAIS BRILHANTES.
AS NÍVEAS PLANTAS, QUANDO MOVE OS PASSOS,
VÃO PISANDO OS TESÓES DOS CIRCUSTANTES,
E QUANDO EM LEDO SOM DE AMORES CANTA,
FAZ-LHE A PORRA O COMPASSO CO'A GARGANTA.

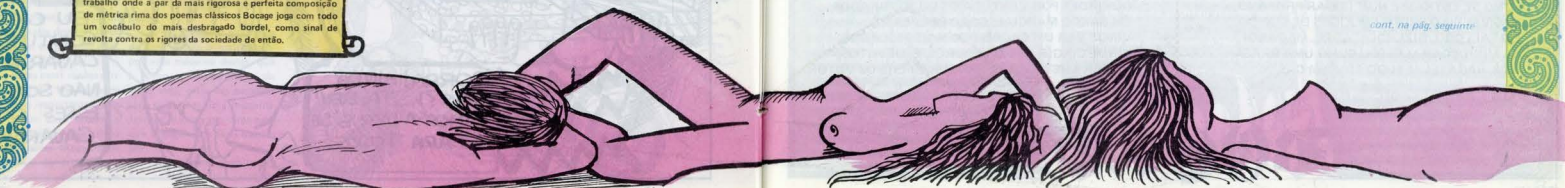
VII
MAS PARA CASTIGAR-LHE A VIL COBICA,
O VINGATIVO AMOR, COMO AGRAVADO,
FOGO INFERNAL NO CORAÇÃO LHE ATIÇA
POR SORDIDO CAFRE ASSELVAJADO.
TENDO-LHE VISTO A TÓRRIDA LINGUICA
MAIS EXTENSA QUE OS CANOS DUM TELHADO,
LOUCA DE COMICHÕES, A INDIGNA DAMA
SALTA NELE, CONVIDA-O PARA A CAMA.



VIII
EIS O BRUTO SE COÇA DE CONTENTE:
VERMELHA FEBRE SOBE-LHE AO MIOLO;
AGARRA NA SENHORA, IMPACIENTE
DE ERGUER-LHE AS FRALDAS, E PROVAR-LHE O BOLO
ESTIRA A SOBRE O LEITO, E, DE REPENTE,
QUER DO PANO SACAR O ATROZ MAMPOLLO,
POREM NÃO NECISSITA ARREAR CABOS:
LA VAI O LANGOTIM COM MIL DIABOS.

IX
LEVANTA A TROMBA O RÍSPIDO ELEFANTE,
A TROMBA, GOSTUMADA A TAIS BATALHAS,
E APONTANDO AO BURACO PALPITANTE,
BATE ALI QUAL ARIETE NAS MURALHAS
ELA ENGANÇANDO AS PERNAS DELIRANTE,
"MEU NEGROINHO (LHE DIZ) QUÃO BEM TRABALHAS!
NÃO HA PORRA MELHOR EM TODO O MUNDO!
METE MAIS, METE MAIS. QUE NÃO TEM FUNDO.

cont. na pág. seguinte



A MANTÍGUA

X

"AH! SE EU SOUBERA (CONTINUA O COURO EM TORRENTES DE SEMEN JÁ NADANDO) VEIO SOUBERA QUE HAVIA ESTE TESOURO, HÁ QUE TEMPOS ME ESTAVA REGALANDO! NEM FIDALGUIA, NEM PODER, NEM OURO MEU DURO CORAÇÃO FARIA BRANDO; LAVARA O CU, LAVARA O PASSARINHO, MAS SÓ PARA FODER CO'O MEU NEGRINHO.

XI

"METE MAIS, METE MAIS. . . AH DOM FULANO! SE O TIVESSES ASSIM, DE GRAÇA O TINHAS! NÃO VIVERAS EM UM PERPÉTUO ENGANO, POIS VIR-ME-IA TAMBÉM QUANDO TE VINHAS. METE MAIS, MEU NEGRINHO; ANDA, MAGANO. CHUPA-ME A LÍNGUA, MEXE NAS MAMINHAS. . . MORRO DE AMOR, DESFAÇO-ME EM LANGONHA. . . ANDA, NÃO TENHAS SUSTO, NEM VERGONHA. . .

XII

"HÁ QUEM FUJA DA CARNE, HÁ QUEM NÃO MORRA POR TÃO BELO E DULCÍSSIMO TRABALHO? HÁ QUEM TENHA OUTRA IDEIA, HÁ QUEM DISCORRA EM COUSA QUE NÃO SEJA DE MANGALHO? TUDO ENTRE AS MÃOS SE ME CONVERTA EM PORRA, QUANTO VEJO TRANSFORME-SE EM CARALHO; PORRA E MAIS PORRA, NO VERÃO E NO INVERNO, PORRA ATÉ NAS PROFUNDAS DO INFERNO! . . .

XIII

"METE MAIS, METE MAIS" (IA DIZENDO A MARAFONA AO BRUTO, QUE SUAVA, E' CONVULSO, FAZIA ESTRÔNDO HORRENDO PELO RÚSTICO SOM COM QUE FUNGAVA); "METE MAIS, METE MAIS, QUE EU ESTOU MORRENDO! . . ." "MIM NÃO TEM MAIS!" O NEGRO LHE TORNAVA; E TRISTE EXCLAMA A BÊBADA FODIDA: "NÃO HÁ GOSTO PERFEITO NESTA VIDA!"

XIV

NESTE COMENOS, O CORNAZ MARIDO, O BODE RACIONAL, VEADO HUMANO, ENTRAVA PELA CÂMARA ATREVIDO, COMO SE ENTRASSE NUM LUGAR PROFANO; MAS VENDO O PRETO EM JOGOS DE CUPIDO, EIS SAI LOGO, DIZENDO: "ARRE, MAGANO! NA MINHA CAMA! ESTOU COMO UMA BRASA! MAS, BAGATELA! TUDO FICA EM CASA".

XV

A FODA COMEÇADA AO MEIO-DIA, TEVE LIMITE PELAS SEIS DA TARDE; VEIO SALTANDO A NINFA DE ALEGRIA, E DA SÓRDIDA ACÇÃO FAZENDO ALARDE. O BOM CONSORTE, QUE RISONHA A VIA, LHE DIZ: "ESTÁS CORADA! O CEU TE GUARDE; BEM BOA ALPISTE AO PÁSSARO TE COUBE! ORA DIZE, MENINA, A QUE TE SOUBE?"

XVI

"CALE-SE, TOLO" (A PUTA DESCARADA GRITA NUM TOM RAIVOSO E LHE RESINGA). O REI DOS CORNOS A CERVIZ PESADA ENTRE OS OMBROS ENCOLHE, E NÃO RESPINGA; E O COURÃO, DA PERGUNTA CONFIA DA, OUTRA VEZ COM O CAFRE, E MIL SE VINGA, ATÉ QUE ELE, FALTANDO-LHE A SEMENTE, TIRA-LHE A MAMA E FUGE DE REPENTE.

XVII

DESERTA POR TEMOR DE ESFALFAMENTO, DESERTA POR TEMER QUE O COURO O MATE; ELA ENTÃO DE SUSPIROS ENCHE O VENTO, E FAZ ALVOROTAR TODO O SURRATE. VÃO PROCURÁ-LO DE CIPAIS UM CENAL; TROUXERAM-LHE A CAVALO O TAL SAGUATE: ELA O VAI RECEBER, E GRÃO NABABO PASMOU DISTO, E QUIS VER ESTE DIABO.

XVIII

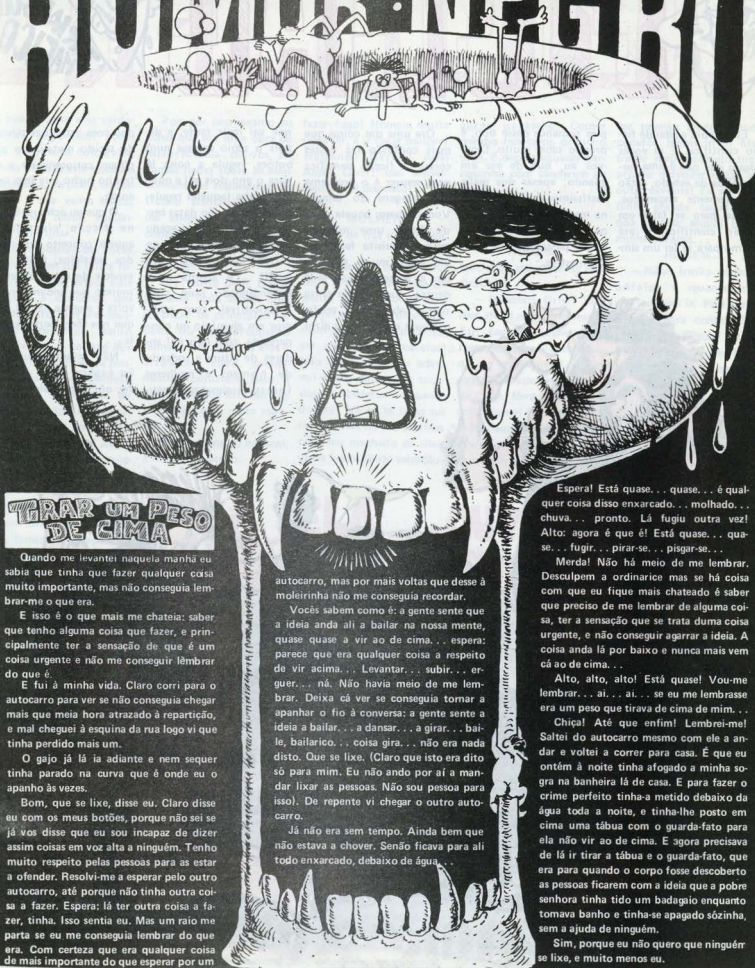
POUCO TEMPO ATUROU DE NOVO EM CASA O CÃO, QUERENDO LOGO A PELE FORRA, POIS A PUTA CO'A CRICA TODA EM BRASA. NEM QUERIA COMER, SÓ QU'RIA PORRA. VOOU-LHE, QUAL FALCÃO BATENDO A ASA, E O COURÃO, SEM ACHAR QUEM A SOCORRA, EM LÁGRIMAS BANHADA, ACESA EM FURIA, SUSPIRA DE SAUDADE E DE LUXURIA.

XIX

COURÕES DAS QUATRO PARTES DO UNIVERSO, DE GÁLICO VORAZ ENVENENADOS! SE DESTO CANTO MEU, DESTO ACRE VERSO OUVIRDES POR VENTURA OS DUROS BRADOS, EM BANDO MARCIAL, CORO PERVERSO, VINDE VER UM CAÇÃO DOS MAIS PESCADOS, VINDE CINGIR-LHE OS LOUROS, E, DEVOTOS, BEIJAR-LHE AS ARAS, PENDURAR-LHE OS VOTOS.

BOCAGE

HUMOR NEGRO



LEVAR UM PESO DE CIMA

Quando me levantei naquela manhã eu sabia que tinha que fazer qualquer coisa muito importante, mas não conseguia lembrar-me o que era.

É isso é o que mais me chateia: saber que tenho alguma coisa que fazer, e principalmente ter a sensação de que é um coisa urgente e não me conseguir lembrar do que é.

E fui à minha vida. Claro corri para o autocarro para ver se não conseguia chegar mais que meia hora atrasado à repartição, e mal cheguei à esquina da rua logo vi que tinha perdido mais um.

O gajo já lá ia adiante e nem sequer tinha parado na curva que é onde eu o apanhei às vezes.

Bom, que se lixe, disse eu. Claro disse eu com os meus botões, porque não sei se já vos disse que eu sou incapaz de dizer assim coisas em voz alta a ninguém. Tenho muito respeito pelas pessoas para as estar a ofender. Resolvi-me a esperar pelo outro autocarro, até porque não tinha outra coisa a fazer. Espera: lá ter outra coisa a fazer, tinha. Isso sentia eu. Mas um raio me parta se eu me conseguia lembrar do que era. Com certeza que era qualquer coisa de mais importante do que esperar por um

autocarro, mas por mais voltas que desse à moleirinha não me conseguia recordar.

Vocês sabem como é: a gente sente que a ideia anda ali a bailar na nossa mente, quase quase a vir ao de cima... espera: parece que era qualquer coisa a respeito de vir acima... Levantar... subir... erguer... ná. Não havia meio de me lembrar. Deixa cá ver se conseguia tornar a apanhar o fio à conversa: a gente sente a ideia a bailar... a dansar... a girar... a bailar, bailarico... coisa gira... não era nada disto. Que se lixe. (Claro que isto era dito só para mim. Eu não ando por aí a mandar lixar as pessoas. Não sou pessoa para isso). De repente vi chegar o outro autocarro.

Já não era sem tempo. Ainda bem que não estava a chover. Senão ficava para ali todo encharcado, debaixo de água...

Espera! Está quase... quase... é qualquer coisa disso encharcado... molhado... chuva... pronto. Lá fugiu outra vez! Alto: agora é que é! Está quase... quase... fugir... pirar-se... pisgar-se...

Merda! Não há meio de me lembrar. Desculpem a ordinárice mas se há coisa com que eu fique mais chateado é saber que preciso de me lembrar de alguma coisa, ter a sensação que se trata duma coisa urgente, e não conseguir agarrar a ideia. A coisa anda lá por baixo e nunca mais vem cá ao de cima...

Alto, alto, alto! Está quase! Vou-me lembrar... ai... ai... se eu me lembrasse era um peso que tirava de cima de mim...

Chica! Até que enfim! Lembrai-me! Saltei do autocarro mesmo com ele a andar e voltei a correr para casa. E que eu ontem à noite tinha afogado a minha sogra na banheira lá de casa. E para fazer o crime perfeito tinha-a metido debaixo da água toda a noite, e tinha-lhe posto em cima uma tábuca com o guarda-fato para ela não vir ao de cima. E agora precisava de lá ir tirar a tábuca e o guarda-fato, que era para quando o corpo fosse descoberto as pessoas ficarem com a ideia que a pobre senhora tinha tido um badagajo enquanto tomava banho e tinha-se apagado sózinha, sem a ajuda de ninguém.

Sim, porque eu não quero que ninguém se lixe, e muito menos eu.



FICÇÃO



Eu sempre gostei de ficção científica. E se vocês julgam que não é uma forma válida de estudo, estão redondamente enganados, porque para se falar em ficção científica, é até mesmo para se ler um sim-

ples romance desse tipo, é preciso saber muito. Digo-vos eu, que de vez em quando, apesar dos meus vastíssimos conhecimentos na matéria, ainda fico com os olhos em bico ao ler certas passagens dos grandes mestres.

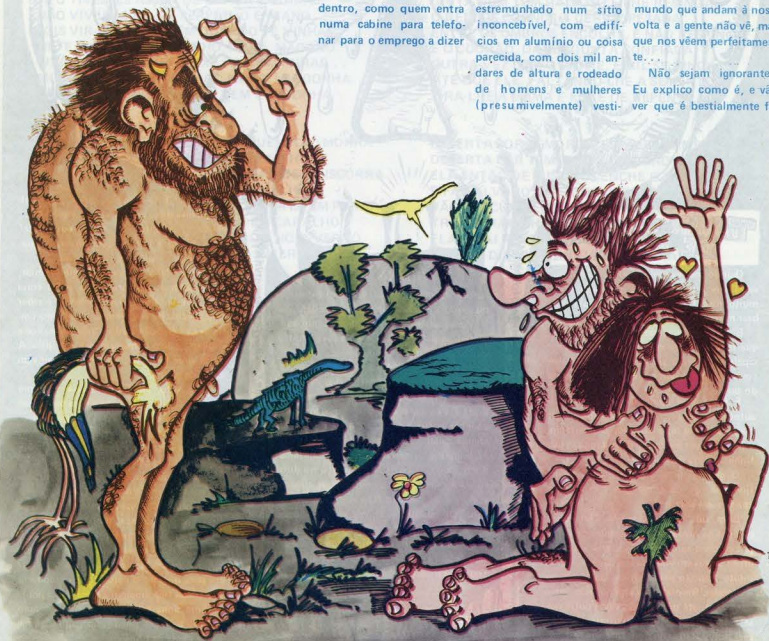
Ora uma das coisas que mais confusão faz nestas coisas de ficção científica nem sequer é o problema das viagens no tempo. Vocês sabem: aquela coisa de haver uma máquina muito esquisita feita por um sábio muito sábio, e que as pessoas metem-se lá dentro, como quem entra numa cabine para telefonar para o emprego a dizer

que vai mais tarde, e depois o sábio carrega nuns botões, regula a coisa lá para o ano dois mil e qualquer coisa (aqueles reguladores nunca dão datas certas) e zás! o desgraçado sente uns zumbidos, um violento estalo, um puff!... e acorda meio estremunhado num sítio inconcebível, com edifícios em alumínio ou coisa parecida, com dois mil andares de altura e rodeado de homens e mulheres (presumivelmente) vesti-

dos com estranhas túnicas de tecido metalizado que olham curiosamente o estranho bicho que lhes caiu ao pé.

O que eu acho mais giro na ficção científica é aquele conceito dos mundos paralelos, assim uma espécie de almas do outro mundo que andam à nossa volta e a gente não vê, mas que nos vêem perfeitamente...

Não sejam ignorantes. Eu explico como é, e vão ver que é bestialmente fá-



CIENTÍFICA

cil que a coisa seja verdadeira. Suponham vocês que tiram uma fotografia: muito bem: lá está você e a sua miúda, na praia, encostados a um velho barco, olhos nos olhos, românticos até enjorar.

Agora suponham vocês que há quem tire outra fotografia onde estão dois senhores a conversar um com o outro com ares muito circunspetos: muito bem: lá fica o retrato dos dois senhores. E agora pensam vocês que um pándego qualquer se lembra de agarrar nos dois negativos, põ-los em cima um do outro (e mesmo até aí ainda há uma diferença de meio milímetro a separar um do outro) e depois tira uma prova dos dois ao mesmo tempo: Ora aí têm voçós! Perfeitamente sobrepostos, quero dizer, perfeitamente ao mesmo nível, no mesmo plano, ficam os quatro: você e a miúda e os outros dois senhores a discutir.

E se lhe mostrarem essa fotografia, você diz: — Isto é impossível! Quando eu tirei o retrato na praia com a Milocas, tenho a certeza que não estava lá ninguém! Estávamos tão sós, tão sós, que até fazia impressão! Onde é que vieram estes dois marmanjos aqui para o pé de nós?

Pois por isso mesmo eu acho que era uma obra de misericórdia dar-vo-s alguns lições sobre os mais elementares rudimentos da ficção científica porque me afflige que as pessoas continuem a ser tão burras como são — não desfendo de nos burros.

Ora muito bem. Como primeira lição vamos hoje aprender os princípios básicos do comportamento humano em diversas eras e situações, claro, devidamente traduzidas para a linguagem que está em uso nesta época, e neste mundo.

Personagens: O homem, a mulher, o outro.

fazer fogo! Homem muita raiva ter, e ir caçar mulher! Hannnn! Grrrrr! Auú! Aiúé! Grrrr! (sai visivelmente mal disposto)

MULHER
(saindo de traz dum rochedo)

— Homem muita raiva ter! Homem ir caçar eu muito longe, ficar lá mais tempo que caçar urso! Homem procurar eu para trazer agarrada por cabelo! Não voltar antes de achar eu! Podés sair agora caçador de búfalos e iguanodontes! Vê se te lavas no rio e talhas no rio e talhas com teu machado de sílex umas lascas deste salpicão!

gares pauzinho! Comer mesmo fria carne de bicho urso. E depois caquer barquinha com sandwich de gazela...

MULHER
— Seu maganão!

HOMEM
(entrando visivelmente mal disposto)

— Hannnn! Grrrr! Mulher afinal aqui na caverna! Eu, caçador bicho urso matei ele com tronco grande na molerinha! Agora querer comida fim de caçador, mas fêmea não estar em caverna! Não ter estregado pauzinho fazer fogo! Onde ter saído fêmea? Quem ser este lingrinhas?

MULHER
— O senhor mais poderoso de toda floresta! Eu ter ficado muito medo bicho urso vencosa luta e ferisse meu adorado seihor! Fui trazer caçador búfalos e iguanodontes para dar ajuda a tu!

O OUTRO
— O graciosa gazela dos bosques! Eu, caçador de búfalos e iguanodontes ter grande vontade comida toda, não precisar tu esfrefe-

ser preciso ajudar grande caçador bicho urso! Mas trazer meu machado sílex pronto defender irmão da outra caverna! Eu ser contente grande caçador já não precisar ajudar! E vai minha caverna... HOMEM
— Não! Irmão caçador búfalos e iguanodontes não precisa ir. Fica nosa caverna para comida fim de caçada! Fêmea de eu vai esfregar pauzinho fazer fogo asar bicho urso! Eu, grande caçador convida tu!

Isto, como os mestres alunos podem verificar é uma situação típica, embora um tudo nada "démode". O que não é de estranhar considerando que a cena descrita se passou na idade da pedra. E para que o estudo do comportamento (bom ou mau, conforme as opiniões dos intervenientes fique mais completo, daremos no nosso próximo episódio um "flash" duma situação idêntica passado mais ou menos na actualidade. E para conclusão do estudo daremos (no número seguinte, claro) a ante-visão duma cena paralela, que se passa por voltas do ano 3.000 D.C. para conclusão do estudo daremos (no número seguinte, claro) a ante-visão duma cena paralela, que se passa por voltas do ano 3.000 D.C.



ÉPOCA:
3.000 anos A.C.
O HOMEM
— Homem raiva muita ter! Homem chegar caverna depois luta muito grande com bicho urso mas fêmea não estar caverna! Homem precisar comida fim de caçar mas fêmea não ter esfregado pauzinho

Vem' que eu esfregar pauzinho e fazer fogo para ficar nós quentinhos!
O OUTRO
(saindo de trás doutro rochedo)
— O graciisa gazela dos bosques! Eu, caçador de búfalos e iguanodontes ter grande vontade comida toda, não precisar tu esfrefe-

MULHER
— O senhor mais poderoso de toda floresta! Eu ter ficado muito medo bicho urso vencosa luta e ferisse meu adorado seihor! Fui trazer caçador búfalos e iguanodontes para dar ajuda a tu!
O OUTRO
— Eu dizer fêmea não dúvidas...

PARECE IMPOSSIVEL

Não me venham cá com coisas, porque eu sempre tenho dito e repito: as coisas são como são e quem disser o contrário é só para emburrar comigo, e eu gosto pouco de pessoas emburrantes.

Já quando eu era pequeno e a professora queria à viva força que eu aprendesse a tabuada, o que aqui para nós é uma estupidez do catano, porque desde que se inventaram as máquinas de calcular, isto de a gente fazer contas de cabeça é a mesma coisa da patroa ter lá em casa uma máquina de lavar roupa e fazer uma trouxa para ir lavar roupa ao rio.

E eu não digo que não seja bonito ver as lavadeiras a lavar (porque as lavadeiras foi para isso que se inventaram, mas por outro lado é preciso ver que estamos numa sociedade de consumo com o consumo obrigatório como nas,

cervejas) e não sei porque razão é que vieram para aqui as lavadeiras, mas de qualquer maneira o que interessa é que na tabuada eu nunca dei nada porque já nesse tempo eu andava à espera que viessem as máquinas de calcular, e por isso eu sempre tenho dito e repito que as coisas são como são e o resto são cantigas. Claro que não serão dessas cantigas modernas que tem uma linha a fingir que é um verso e como não houve tempo para o poeta ou lá o que é fazer mais, eles repetem aquela linha trézentas e oitenta e cinco vezes e depois no coro todos tornam a cantar a mesma, e é por isso que eles dizem que as cantigas são de combate porque se alguém disser que eles não são poetas vão aos arames e isso de ir aos mas por outro lado é preciso ver que estamos numa sociedade de consumo com o consumo obrigatório como nas. Até porque se a gente está

numa sociedade de consumo eu não tenho nada que consumir arame. Porque as coisas são como são, e por consequência o arame é como é, e como toda a gente sabe, fininho e comprido como o raio.

Isto, claro, falando do arame de enfiar, que não tem nada a ver com o arame que muitos senhores bem instalados na vida enfiaram com uma voracidade de marabuntas. E eu não tenho nada que

ver com as marabuntas, até porque de anicetos percebo pouco, e não quero perceber mais porque acho que é muito chato — o que é também por sua vez um insecto. E não me venham cá com essas lírias de cultura porque eu de culturas pouco percebo, porque uma vez quis fazer uma cultura de tomates lá no quintal e entrou-lhe o bicho ou lá o que foi — não sei que bicho era, mas foi um caso

muito chato porque os bichos eram na realidade muito chatos e roeram-me os tomates todos, e depois disso sempre que alguém me fala em culturas, eu lembro-me do que perdi, e como não quero cáfr noutra, para não me esquecer volto a repetir: Os tomates! E é por isso que eu digo que as coisas são como são e quem disser o contrário é só para me chatear, o que é chato, mesmo sem ser insecto.

REGULAMENTO DO HORÁRIO DE TRABALHO

- ART. 1 — O empregado deverá entrar no trabalho às 10 horas, havendo uma tolerância de duas horas para compensar as dificuldades de transporte, atrasos do despertador, etc. Antes do início será servido café e doces, ou sumo de laranja para os mais nervosos.
- ART. 2 — Durante o serviço é permitido: Fumar, Cantar, Assobiar, Dançar, Jogar às Cartas e Conversar.
- ART. 3 — Fica estabelecido um horário de 3 horas para o almoço, que deverá ser servido no refeitório por duas lindas raparigas, no refeitório da empresa se nesta houver. Serão permitidos 3 convites; durante o almoço tocará uma pequena orquestra excepto às sextas-feiras em que haverá um almoço de gala seguido de um pequeno acto de variedades com artistas, nacionais e estrangeiros, depois do almoço haverá uma franca distribuição de charutos e chocolates; os empregados que não fumam receberão uma compensação em dinheiro.
- ART. 4 — Ao aumento do custo de material e máquinas de todas as secções recomenda-se encarecidamente a todo o pessoal que deverá usá-la o menos possível, para evitar o desgaste. Nunca fazer numa hora o que puder fazer em duas. Todos os empregados a fim de acatualarem os interesses do patrão deverão ter um lema nunca deixe para amanhã o que se pode fazer na semana seguinte.
- ART. 5 — O Patrão é obrigado a aceitar vales a qualquer hora em qualquer dia ficando proibido o seu desconto na folha de pagamento. O empregado pagará quando puder.
- ART. 6 — O empregado que pegar no sono durante as horas de serviço não pode ser acordado em hipótese alguma, salvo para receber o ordenado e ir ao telefone atender a pequena.
- ART. 7 — Todas as segundas-feiras das 11 às 13 horas, haverá palestras para se discutirem importantes problemas, tais como arbitragens, golos, irregularidades e tabelas de classificação. O empregado que não gostar de futebol, poderá ir jogar Négus, assim como as meninas, poderão ir à esquina falar ao namorado.
- ART. 8 — Duas vezes por ano, haverá 20 dias de férias para o bem merecido repouso, por esta ocasião o patrão, será obrigado a emprestar o seu automóvel, malas, máquinas fotográficas e o que mais for necessário para prestígio da empresa.
- ART. 9 — Para estimular o empregado, o patrão é obrigado a mandar servir às 10 horas e às 16, um cálice de vinho do porto.
- ART. 10 — Os tratamentos de doença, manieure, engraxador, barbeiro etc., devem ser feitas nas horas de expediente, concorrendo o patrão com metade das despesas.

Lisboa, 25 de Abril de 1974

APROVADO

Ass. Illegível

ÚNICO — Que desta cachola tal regulamento saiu, rogamos a quem não concorde que vá À. P. que o Patriu.



A Terra treme de vez em quando — hoje ali, amanhã acolá. Será de medo ou de zangada com o que nela se passa? ...

Com a tal ideia, generalizada, das profissões aceleradas, pode acontecer a qualquer ser aprendiz num dia e, no outro, ser um grande sapateiro. . . de qualquer profissão!

Há uma boa — aliás, má — diferença entre ir ao médico e sermos (ou não) devidamente vistos por ele. A mais concorrente — da qual muita gente continua a queixar-se — resulta do preço que os médicos cobram por uma consulta das caixas e uma consulta particular!

O Povo — qualquer povo — pode ser pobre em tudo, menos no pagar. De qualquer maneira, paga sempre à rica!... ARIM

FILOSOFIAS DE PATACO... TALVEZ NÃO!

Quando uns dão o coiro, outros terão que dar o oiro!

Não é que muitas pessoas se deixem verdadeiramente levar mas, vão atrás de muitas coisas!

Se as mentiras pagassem imposto, talvez não fosse necessário haver outros!

Entre a intenção e a acção é que está a dificuldade da solução!

Muita gente não paga a quem deve porque o contrato foi ficar a dever!

Limpar-se sujando os outros pode ser muito fácil, quando não se fica ainda mais sujo!

Quando se tenha Futuro, talvez se possa viver sem Passado nem Presente mas, não fará mal não olhar apenas em frente!

Se muitos achassem o dinheiro que tantos dizem perder nos seus negócios, haveria muito mais gente bem remediada, por certo!

OS RIDÍCULOS

O MAIS ANTIGO
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR
SILVA NOBRE

PRÓPRIEDADE
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração e composição
R. Conde Redondo n.º 12-2º LISBOA
Tel. 538585-537949-48668-563158

Impresso na Empresa do
JORNAL DO COMÉRCIO, S.A.R.L.

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR
REGIMPRESA
AV. D. JOSÉ I, LOTE 12
REBOLEIRA - LISBOA

A Defesa da Coroa

(cont. da pág. 5)

D. BRIOLANJA

— Já vos esquecesteis desse emissário que vos veio pedir para figurardes no retrato onde estavam os tais mercenários?

EL-REI

— Sim, e depois?

D. BRIOLANJA

— Pois ficade sabendo que esses mercenários são já muitos mais do que vós imaginades. E sabeides quantos retratos eles já obtiveram? Tomade nota: Já possuem o retrato de D. Sancho Finório...

EL-REI

— Não me digades semelhantes isso! Também esse foi dos que nos expulsaram! Cuidei que seriam os meus antigos verais servidores como D. Henrique Pescadinha, D. César da Amoreira...

D. BRIOLANJA

— Não sejades parvo. Esses já não contam. Aqueles com quem ainda podeis contar são esses jovens D. Sancho Finório, D. Alpoim Carácio e outros mais! Penseiade neles que ainda vos podem servir...

EL-REI

— Nunca! À fé de quem sou! Não vos esqueçades que é meu sagrado dever defender a coroa dos nossos sagrados pais...

D. BRIOLANJA

— Mas isso é pouco mais ou menos o que eles também fazem! Vós quereis defender a coroa dos vossos pais: e esses mercenários querem defender as coroas dos seus capitais!



COMO COSER "BATATAS"

Não, não, amigo leitor, não é a mesma coisa... Repare bem que há umas diferenças — em menor número e mais fáceis de encontrar que as dos desenhos com que alguns jornais nos dão, semanalmente, cabo da paciência e da vista... se uma pessoa não tem o bom senso de ir logo ver à "página tal", evidentemente. As diferenças são, apenas, duas: veja que escrevemos coser com s e não com z e que pomos aspas nas batatas — assim, "batatas"! Trata-se, portanto, de coser, com linha, as "batatas" das peúgas. Ora, elas fazem isso com um ovo de madeira, que é uma coisa lisa, escorregadia e, pequena, sobretudo, para mãos de homem. Você vai utilizar, pelo menos, duas maçãs por par de peúgas — e, daí para diante, conforme a quantidade de peúgas a coser e o que você gostar de maçãs. Agulha: uma das grandes (sem ser das de coser sacas, senão fica tudo numá "batata" só... — por outras palavras, rebenta com as peúgas!). Linhas: mais grossas que as número 30. Meta uma maçã dentro da peúga e vá comendo a outra enquanto vai cosendo "as batatas". Três pontos por "batata", puxados ao centro da dita. Remate com um nó (se não sabe dar o nó, aprenda por si, pois aqui é difícil de exemplificar...) — e já está! Continue assim, "batata" a "batata", peúga a peúga... e maçã a maçã, até se acabar uma coisa ou outra — ou as duas coisas. Se gostar mais de laranjas, também resulta mas (fala a experiência amigo...), não dá tanto jeito. Com tomates é que não... mesmo quando os tenha duros, porque é uma fruta muito sensível, embora se use do máximo cuidado. Além de que, para comer, como quem come maçãs (ou laranjas), não é tão própria.

NOTA BREVE: Se não quiser estar com este trabalho todo, coma a fruta, pegue nas peúgas, pregue com elas no lixo e compre outras... desde que tenha dinheiro ou crédito, evidentemente!

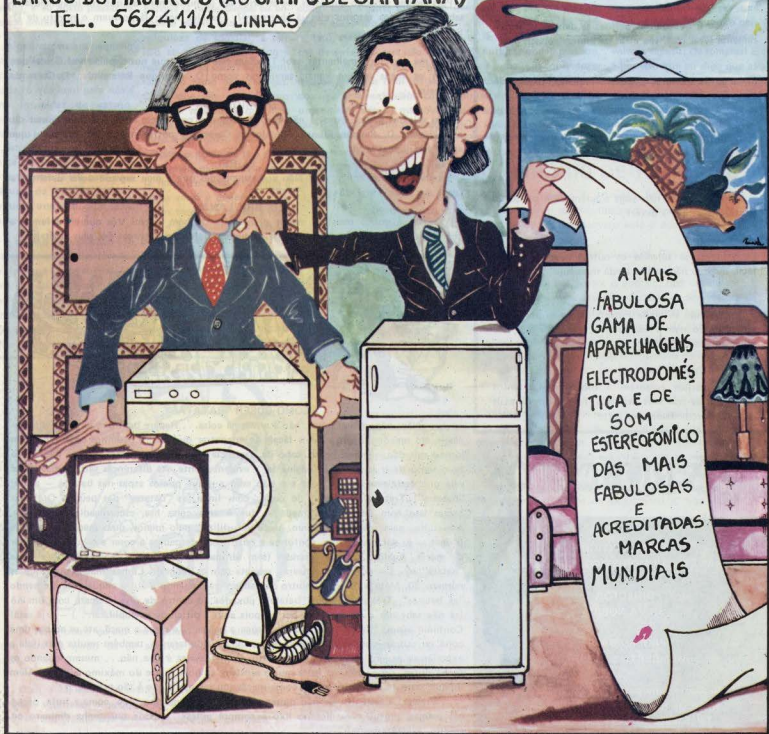
LIMPAR FATOS E TIRAR NÓDOS

Não use benzina, não use gasolina, nem use qualquer outro produto. Pegue no que precisar de limpeza e mande à lavanderia mais próxima. Prático, não é? O pior é se você andar curto de "massas"... e a lavanderia não fiar. Mas, isso é outro problema que o nosso amigo terá de resolver. Isto é uma secção destinada a auxiliá-lo com ideias mais ou menos práticas, até onde nos é possível — mas, não é nenhum Banco nem casa de penhores!... No entanto, vamos ver se arranjamós algumas ideia nova e eficiente, com a ideia a seguir...

SUPERMANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)

TEL. 562411/10 LINHAS



MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
"EPEDA" E "DELTALOC"